



Casas modernas de Aracaju: documento e memória.

Inventário e Documentação

Carolina Chaves

Mestre em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo e Professora Assistente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Sergipe.
carolinamchaves@gmail.com

Resumo:

Provocados a pensar a conservação da Arquitetura Moderna em Aracaju, a produção residencial unifamiliar aparece como um objeto de estudo recorrente em razão de sua vulnerabilidade a demolições ou adequações para novos usos. Nesse sentido, procura-se contribuir com esse debate ao apresentar os resultados de um projeto de extensão universitária que, após 04 meses de trabalho acerca do tema “casas modernas de Aracaju”, procura demonstrar o valor cultural reconhecido em um conjunto de oito residências situadas entre os bairros Centro e São José. Assim, esta comunicação volta aos documentos e à documentação a fim de contribuir para futuras ações que visem a proteção e conservação de parte do patrimônio moderno na cidade de Aracaju, mais especificamente relacionado à produção residencial unifamiliar de meados do século XX.

Palavras-chave (título em negrito): casa moderna, Aracaju, documento, patrimônio moderno.

Abstract: (negrito, itálico, arial 10, entre linhas – simples, maiúscula, parágrafo sem recuo, espaçamento – 30 pontos antes, 0 pontos depois, alinhamento justificado):

Regarding to the conservation of Modern Architecture in Aracaju, single-family housing production appears as a recurrent object of study because of its vulnerability to demolitions or adjustments to new uses. In this sense, it is our aim to contribute to this debate by presenting the results of a university extension project that, after four months of work on the theme "modern houses of Aracaju", seeks to demonstrate the cultural value recognized in a set of eight residences located between the districts Centro and São José. Thus, this communication returns to documents and documentation in order to contribute to future actions aimed at the protection and conservation of part of the modern heritage in the city of Aracaju, more specifically related to the single-family residential production of mid of the 20th century.

Keywords (título em negrito e itálico): modern houses, Aracaju, document, modern heritage.



Casas modernas de Aracaju: documento e memória.

Ao menos na última década (2010s) tem sido recorrente os alertas quanto à prevalência do “do” (documentação) em detrimento do “co” (conservação) no âmbito das ações pertinentes ao **docomomo** como instituição internacional em favor da salvaguarda de obras do Movimento Moderno. Esse chamado pode levar à compreensão de que documentação e conservação são etapas em sucessão dentro de um processo de salvaguarda, enquanto essas esferas devem ser compreendidas como campos em contínuo e dinâmico intercâmbio. Trabalhar com o documento e a documentação para conservação direciona abordagens e é um processo necessário para construção de critérios para salvaguarda. Nesse sentido, esta comunicação volta aos documentos e à documentação a fim de contribuir para futuras ações que visem a proteção e conservação de parte do patrimônio moderno na cidade de Aracaju, mais especificamente relacionado à produção residencial unifamiliar de meados do século XX.

Os estudos dedicados às pesquisas documentais e à documentação da Arquitetura Moderna no Brasil e no mundo foram etapas fundamentais para que hoje se tenha uma ideia mais efetiva do alcance dos ideais e das ideias do Movimento Moderno de arquitetura e urbanismo. No Brasil, os trabalhos dedicados aos processos associados à circulação de ideias e a difusão da arquitetura moderna em território nacional contribuíram para a compreensão do que pareceu ser, para S. Giedion, “algo de irracional no desenvolvimento da arquitetura brasileira” (in MINDLIN, 2000). A qualidade dessa arquitetura não estaria em algumas obras de excepcionalidade fruto do trabalho de alguns poucos indivíduos, mas na produção média, “uma situação que não existe em muitos outros países” (in MINDLIN, 2000).

A avaliação, feita pelo crítico e historiador de arquitetura em meados da década de 1950, é fruto da observação de um processo ainda em pleno desenvolvimento¹ e que ganharia novo impulso com a construção e inauguração da nova capital federal (1956-1960) e a implantação da política desenvolvimentista para o desenvolvimento do país. Nas cidades pequenas e médias, é entre as décadas de 1950 e 1960 que se registra um aumento significativo de novas construções, dentre as quais as residências unifamiliares marcam a cena urbana e aparecem como importante vetor de difusão da arquitetura moderna no Brasil. A grande parte desses trabalhos², pioneiros em seus recortes, tiveram caráter de inventário e fizeram a primeira aproximação histórica através do levantamento e da sistematização de documentação primária nos Arquivos Públicos das Prefeituras e pessoais, registro de depoimentos orais de personagens envolvidos com a construção da residência e levantamentos físicos. Como documento, esses trabalhos hoje permitem perceber a velocidade de degradação e perda desse patrimônio.

Assim, esses trabalhos permitem perceber o valor cultural da Arquitetura Moderna para a sociedade brasileira de meados do século XX expresso no alcance de difusão dessa arquitetura e o volume construído. Por outro lado, em termos quantitativos, o volume construído no século XX e a predominância da obra Moderna nas cidades brasileiras exigem o deslocamento do tema do reconhecimento patrimonial da perspectiva do excepcional para

¹ O livro “Arquitetura Moderna no Brasil” foi publicado em 1956 em língua inglesa e francesa, sendo traduzido para o português apenas em 2000. Ou seja, o livro dedicado a um público internacional fala de uma produção cujo processo de difusão seria impulsionado nos anos seguintes à inauguração de Brasília.

² Esse cenário pode ser visto através das pesquisas realizadas nos programas de Pós-graduação no Brasil e dos artigos publicados nos Seminários **docomomo**, nacional e regionais, dedicados à produção residencial de cidades como João Pessoa-PB (PEREIRA, 2008; CHAVES, 2012), Campina Grande-PB (ALMEIDA, 2010), Florianópolis-SC (ALBERTON, 2006), Campo Grande-MT (ARRUDA, 2003), Fortaleza-CE (NETO, 2005), Aracaju-SE (NERY, 2003; NERY e SANTOS, 2006; SANTOS, 2011; MACIEL, 2013), apenas para citar alguns.



o debate do “comum”, posto que diante de um conjunto numericamente expressivo o que se deve proteger e conservar para as futuras gerações? Como selecionar e justificar a proteção?

Motivados por esse questionamento, após 02 anos de pesquisa de levantamento e registro sobre a produção da arquitetura residencial moderna na cidade de Aracaju³, foi proposto um projeto de extensão⁴ cujo objetivo era construir, junto com a comunidade, um material sobre casas modernas em Aracaju cuja linguagem fosse acessível ao maior número de pessoas e que pudesse, através do registro de seus valores culturais, contribuir para tomada de decisão sobre sua salvaguarda visto que uma das características do projeto de extensão universitária é transpor os limites acadêmicos da pesquisa indo ao encontro da sociedade.

Os resultados obtidos na pesquisa de iniciação científica, a exemplo dos trabalhos de inventário, foram fundamentais para esclarecer sobre a periodização do processo de recepção e difusão da Arquitetura Moderna em Aracaju. O projeto arquitetônico como documento auxiliou na compreensão do processo histórico de ocupação do bairro São José (área de expansão da cidade na década de 1950), introdução de uma nova linguagem arquitetônica, neste caso, a da Arquitetura Moderna, a configuração do projeto original e relevou alguns dos personagens envolvidos nesse processo como desenhistas, construtores, engenheiros e os proprietários. Essas informações foram fundamentais para a seleção das obras para o projeto de extensão e a produção do material para exposição e documentário⁵.

A exposição e o documentário foram os meios escolhidos para apresentar uma narrativa que buscou alinhar a percepção do especialista e a memória dos atores envolvidos com os objetos do estudo. Ciente de que se produz uma nova documentação e dos limites inerentes a este processo deste a definição dos recortes, a eleição e coleta de dados e documentos até a costura da narrativa final. Nesse sentido, o esforço empreendido neste trabalho se caracteriza como um ensaio para construção da significância cultural de um conjunto patrimonial.

O verbete “documentação” é definido, no Dicionário Iphan do Patrimônio Cultural, “como prática com e/ou sobre algum documento ou conjunto documental”, que não se limita ao ato de registrar um conjunto de informações, mas que para além disso, assume “a função de representar ideias e objetos que nos informam sobre algo”. Nesse sentido, é importante reconhecer a importância e o papel que o documento assume na historiografia contemporânea, assim como as técnicas e tecnologias que dispomos para o registro e a transmissão de informações, cuja guarda, conservação e disponibilidade estão garantidos pela Constituição Federal de 1988.

O trabalho dedicado ao patrimônio desenvolve-se, essencialmente, através e devido a certo conjunto de documentos sobre dado bem cultural sendo esta uma condição indispensável para ações de conservação e restauro de bens patrimoniais. São diversos os tipos de documentos e as formas de documentar. As informações devem, portanto, estar ao acesso de todos, condição fundamental para o exercício pleno da cidadania e para construção de identidades locais e/ou globais. Dispomos, portanto, de um conjunto amplo de possibilidades para documentação: textos, filmes, discos magnéticos etc. Interessa-nos neste momento

³ O projeto de iniciação científica, sob minha coordenação entre os anos de 2016 e 2018, tinha por objetivo ampliar a narrativa sobre a produção residencial moderna em Aracaju, entre os anos de 1940 e 1960, a partir do levantamento dos projetos aprovados pela prefeitura. Este trabalho foi proposto em continuidade ao trabalho anteriormente desenvolvido pela Profa. Juliana Nery (2002-2003) e a dissertação de mestrado de Isabela Santos (2011).

⁴ O título do projeto de extensão é “Reconhecimento do Patrimônio Moderno em Aracaju através da Educação Patrimonial” foi desenvolvido entre os meses de agosto e dezembro de 2018.

⁵ Disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=ksyjhc2f0ew>.



discutir sobre as tecnologias da documentação em arquitetura, mais especificamente, do patrimônio arquitetônico.

Desde o desenho de observação, levantamento cadastral, levantamento fotográfico, relatos orais, filmagens e as tecnologias mais avançadas de scaneamento 3D, a documentação é fruto de um processo de construção narrativa que necessita ser relativizada a partir de uma autoria, ferramenta de suporte e contexto histórico. Como concluiu Hilário Figueiredo P. Filho em verbete para o Dicionário Iphan,

Articulada à atividade de pesquisa, a documentação se mostra um bem cultural imprescindível para as ações preservacionistas do patrimônio. Ambas se nutrem reciprocamente, na medida em que podem trazer à tona registros do passado e do presente, suscitando questionamentos, reflexões, olhares, percepções e problematizações sobre os nossos diversificados acervos. Ações estas que são fundamentais para a constante produção do conhecimento interdisciplinar a partir das múltiplas (re)apropriações desse bem bastante emblemático das nossas memória e história: a documentação.

As reflexões aqui apresentadas têm como bases documentais os documentos, sempre que possível, originais dos projetos aprovados pela Prefeitura de Aracaju entre as décadas de 1950 e 1960, acervos fotográficos da cidade e das obras neste mesmo período e depoimentos orais. Os projetos aprovados na prefeitura e as fotografias forneciam informações mais precisas quanto à datação, autoria e uma primeira fase de idealização do projeto. Esses documentos e informações foram fundamentais para rever e ampliar a narrativa corrente sobre o processo de difusão da Arquitetura Moderna em Aracaju e, mais especificamente, sobre as residências em estudo. Os maiores esforços em termos de coleta de dados e produção de documentação, através do documentário e do registro gráfico das fases históricas das obras, concentraram-se nos depoimentos orais como parte fundamental do trabalho de campo proposto pelo projeto de extensão.

Os contornos da narrativa para documentação

O tema residencial estava definido como premissa de trabalho e tinha como fio condutor a construção de uma narrativa que procurasse revelar o valor cultural das obras não apenas por seu valor histórico, mas pelo seu valor afetivo por parte da comunidade envolvida como bem e seu entorno. Pelo exposto anteriormente, a abordagem não seria justificada pelo excepcional, mas pelo valor de conjunto. Assim, entendendo que o desafio da conservação da arquitetura moderna residencial unifamiliar deve ser abordado a partir do valor do conjunto edificado e da relação desse conjunto com a dinâmica da cidade. Os critérios para a definição desse conjunto foram elaborados a partir do confronto dos dados históricos da pesquisa técnica (iniciação científica) e os dados coletados em depoimento oral com a comunidade⁶ (projeto de extensão).

O primeiro momento do projeto foi definir que objetos e lugar representariam o tema da “casa moderna”, o qual, quando apresentado para aos diferentes grupos da comunidade trouxe⁷ sempre as mesmas referências, que conduziram às denominações “casas vizinhas na Av. Ivo do Prado” e a um grupo de residências citadas como “as casas da Vila Cristina”, referência a um conjunto de 06 residências situadas na rua Vila Cristina. Para além dessas casas foram mencionadas, por arquitetos e historiadores, alguns outros exemplares situados no bairro São José, que de alguma forma teriam sido influenciados pela presença das “casas da Vila

⁶ O projeto de extensão atingiu três grupos: especialistas (arquitetos, engenheiros e historiadores), agentes envolvidos diretamente com a obra (proprietários originais e/ou atuais), moradores do bairro no qual estão inseridas as obras.

⁷ As consultas foram feitas através de entrevistas orais cuja pergunta era: “Você reconhece alguma casa moderna em Aracaju?”. Se sim, “Onde ela estaria localizada?”.



Cristina” e das “casas vizinhas na av. Ivo do Prado”. Assim, o recorte definido trazia como referência urbana o bairro São José, nas proximidades da Praça Graccho Cardoso, e sua fronteira imediata com o bairro Centro, próximo à Praça Camerino, revelando que a Arquitetura Moderna estava associada ao processo de expansão urbana (ocupação e consolidação) da cidade no eixo sul.

O bairro São José começou a ser urbanizado nas primeiras décadas do século XX, após o aterramento da área na década de 1930 (figura 1), e nas décadas de 1950 e 1960 ajudou a consolidar a expansão ao Sul do território. Famílias migravam do bairro Centro e de outros bairros para este novo bairro em franco processo de ocupação, assim como famílias recém-formadas de jovens empreendedores escolhiam o bairro São José para construir sua primeira residência.

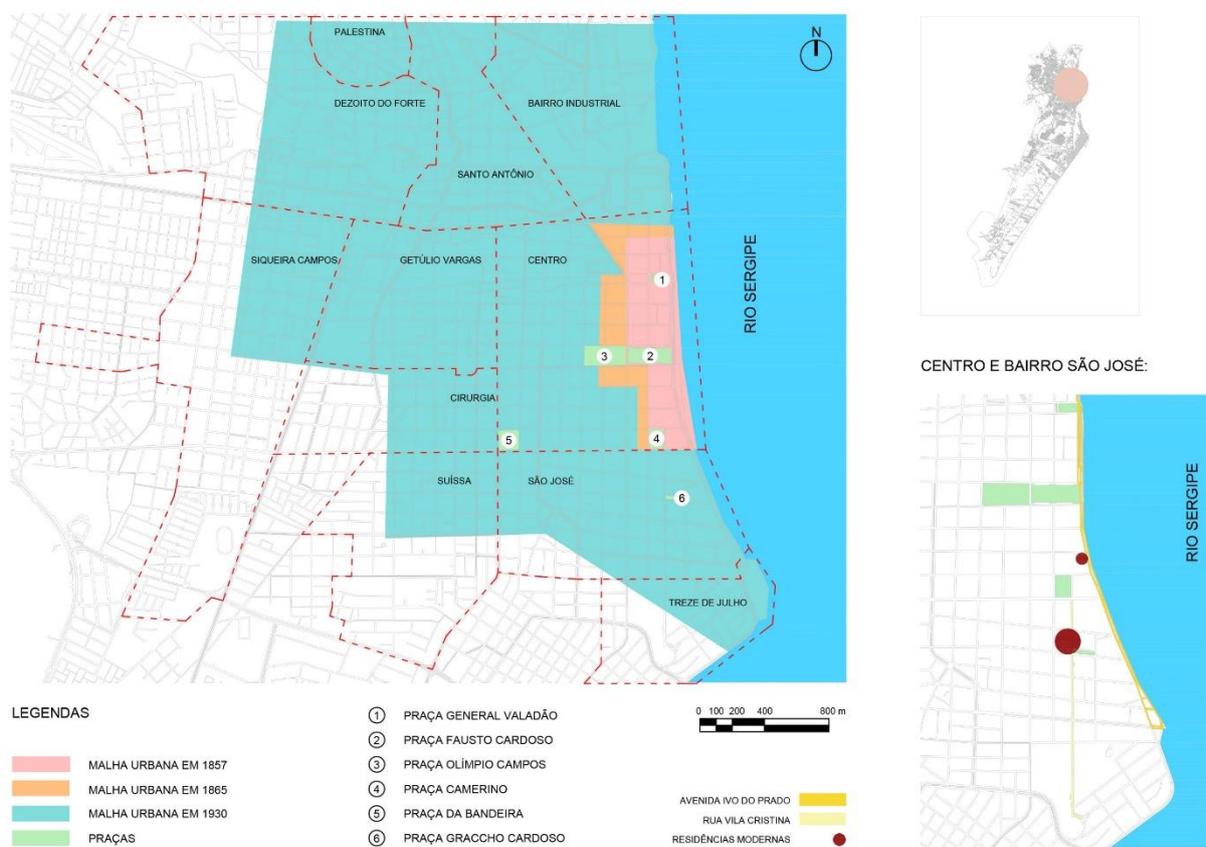


Figura 1: Mapa com representação das manchas que definem a malha urbana da cidade de Aracaju em 1857, 1865 e em 1930. No mapa menor, estão identificadas Av. Ivo do Prado, rua Vila Cristina e a localização das residências em estudo. Fonte: Carolina Chaves e Rejane Lúcia Tourinho, 2018.

O conjunto edificado que representa as “Casas Modernas de Aracaju” situa-se na fronteira entre a porção sul do bairro Centro (“as casas na Av. Ivo do Prado”) e a porção norte do bairro São José (“as casas modernas da rua Vila Cristina”), o primeiro guarda a memória dos primeiros traçados urbano de fundação de uma cidade planejada em meados do século XIX e o segundo ajuda a consolidar o avanço ao sul do território. Os moradores destacaram as qualidades ambientais do bairro São José e sua relação com o rio Sergipe e, logo em seguida, a área do Colégio Atheneu (construído na década de 1940) e a Associação Atlética de Sergipe (projeto da década de 1930, demolido na primeira década do séc. XXI).

A construção da narrativa histórica da produção de Arquitetura Moderna na cidade de Aracaju é, comumente, pontuada por edifícios que se distinguem pela excepcionalidade da afirmação



da técnica moderna (em especial revelada pela inovação do tipo vertical) e os elementos formais da nova arquitetura como os edifícios Walter Franco (1956), o residencial multifamiliar Atalaia (1957) e, já no início da década de 1960 o Hotel Palace (1962) e Terminal Rodoviário Luiz Garcia (1962). Desses exemplares apenas o residencial multifamiliar é de iniciativa privada sendo os demais marcos da iniciativa pública. De certo, não foram as obras realizadas pela ação do Estado que definiu a singularidade da produção moderna brasileira marcada por sua notável difusão em território nacional. Nesse sentido, as residências simbolizam não apenas o registro de uma nova linguagem na paisagem, mas também os grupos sociais que as demandavam e ratificavam, assim, a construção de uma nação através da afirmação da força de uma cultura (a cultura moderna da primeira metade a meados do século XX).

Pelo exposto, o conjunto de residências modernas em Aracaju (figura 2), recorte deste trabalho, abrange os anos de 1956 aos primeiros anos da década seguinte e foi escolhido, não por afinidades formais, mas pelos contornos da memória afetiva da comunidade que convive com esses exemplares. A história da construção dessas casas revela grupos cujas origens sociais adivinham tanto da raiz aristocrática da cultura do açúcar e meio rural quanto de iniciativas individuais de jovens de origem humilde que se transferiram para a capital e construíram novas trajetórias e patrimônio atuando como grandes empresários e profissionais liberais. Esse recorte, sinaliza ainda um entorno urbano bastante representativo para a cidade abrigando, à curtas distâncias, o Museu da Gente Sergipana (antigo Colégio Atheneu), a atual sede do Colégio Estadual Atheneu, as Praças Graccho Cardoso e Camerino e, há época, um lugar social muito importante na cidade que foi a Associação Atlética de Sergipe. A avenida Barão de Maruim, linha de divisa entre os bairros Centro e São José, simboliza a expansão urbana sul.

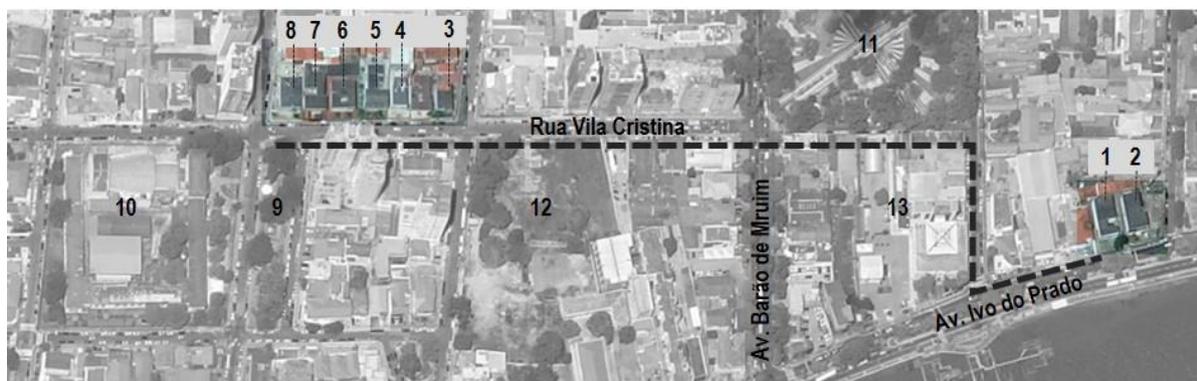


Figura 2: Conjunto de Casas Modernas de Aracaju bairro Centro e São José. Legenda: 1.Res. Ernani de Souza Freire (1956); 2.Res. João Hora Oliveira (1957); 3.Res. José Gonçalves Dantas (1955); 4.Res. Augusto Barreto (1955); 5. Res. Elpídio Teixeira (1956); 6. Res. Manoel Barbosa (196?); 7.Res. Wilson Dórea Sobral (196?); 8. Res. Carlos Faro (1962); 9. Praça Graccho Cardoso; 10. Colégio Estadual Atheneu; 11. Praça Camerino; 12. terreno da antiga Associação Atlética Sergipe; 13. Museu da Gente Sergipana. Fonte: Google Maps, editado pela autora, 2019.

Desse referido conjunto, as primeiras casas, cuja data de aprovação na prefeitura é do ano de 1955, pertenciam ao Sr. José Gonçalves Dantas⁸ e ao Sr. Augusto Barreto, amigos que construíram suas novas residências em lotes quase vizinhos. O primeiro, manteve sociedade com Ernani de Souza Freire na casa bancária Dantas Freire, período no qual o Sr. Ernani Souza Freire adquiriu o terreno do antigo trapiche Aurora na avenida Ivo do Prado, onde construiu sua nova residência. O projeto da casa foi aprovado no final do ano de 1956 e a obra foi concluída em 1958. O terreno foi desmembrado e o lote vizinho vendido ao Sr. João

⁸ O projeto é de autoria de Hermán Centurion, responsável técnico João Alves Construtora e o desenho assinado por Walter Freire Barros.



Hora Oliveira, comerciante de tecidos e incorporador do edifício Mayara, que fez sua residência aos moldes da casa do amigo e vizinho, fazendo também vir do Rio de Janeiro o projeto de interiores e todos os itens que o compunham.

A residência de José Gonçalves destaca-se na esquina das ruas Vila Cristina e Senador Rollemberg com volumetria prismática, a solução do telhado borboleta (águas invertidas com cumeeira convertida em calha) e o volume da escada marcado pelo uso de elementos vazados preenchendo abertura em formato ameboide na fachada norte, o uso de elementos vazados também na fachada leste garantem uma permanente circulação de ar, mesmo em dias de chuva. Esse exemplar não abriga mais a função original, sendo sede do Centro de Apoio Pedagógico para atendimento às pessoas com deficiência visual (CAP) e, portanto, exigindo um trabalho de educação patrimonial voltado a um público com deficiência visual que resultou na construção de maquetes físicas e impressão 3D para comunicar os elementos e atributos plásticos e espaciais da residência.

Atualmente a residência do Sr. Augusto Barreto está descaracterizada sendo dificilmente reconhecida. O documento utilizado para construção da exposição e do documentário foram as pranchas do projeto original, fotos antigas e narrativa oral da arquiteta Josinaide Maciel, que pesquisou sobre a residência em seu mestrado (MACIEL, 2013). Na construção da narrativa desta documentação, essa obra é representativa da ausência do reconhecimento da significância cultural que possui a residência, e ainda, a produção residencial moderna unifamiliar.

Ainda no ano de 1956, na rua Vila Cristina, vizinha à residência do Sr. Augusto Barreto, foi iniciada a construção da residência do casal Sr. Elpídio e Sra. Jasonita Teixeira. Dedicado às atividades rurais, a família instalada em Aracaju convivia com as idas constantes para a fazenda sendo a casa também abrigo para pessoas que vinham do interior para tratamento médico em Aracaju sob os cuidados da Sra. Jasonita Teixeira, reconhecida pelos vizinhos e amigos pelo cuidado e acolhimento. Uma carta de uma amiga enviada a família revela a dinâmica de uma residência sempre muito movimentada, alegre e generosa. Uma das filhas do casal, Sra. Eneide Teixeira, rememorou⁹ a infância e adolescência na casa e o convívio com as crianças das casas vizinhas, o hábito de frequentar a Associação Atlética de Sergipe e a ambiência do bairro São José marcada pelas Praças Graccho Cardoso e Camerino.

Os três lotes, a sul, vizinhos a casa do Sr. Elpídio Teixeira e que completam a face da quadra voltada para a rua Vila Cristina, foram construídas na primeira metade da década de 1960, sendo a primeira delas a residência do Sr. Carlos Faro (1962), advogado de formação, em lote de esquina com a rua Riachuelo. As residências do Sr. Wilson Dórea Sobral e do Sr. Manoel Barbosa seriam suas contemporâneas, segundo depoimento do filho, Sr. Nestor Faro, cujo testemunho revelou o papel essencial da proprietária da casa (Sra. Maria Dina Faro) como idealizadora e demandante de uma “casa moderna”, cujas referências advinham de revistas especializadas de arquitetura que parentes enviavam do Rio de Janeiro.

As visitas e conversas revelavam, aos poucos, os desejos e o ânimo de jovens casais na construção de suas novas residências reflexo de um clima de prosperidade econômica no país e apostas no desenvolvimento e no progresso. Enquanto os documentos oficiais dos projetos arquitetônicos revelavam os nomes dos proprietários “homens”, os depoimentos foram revelando a força da presença das proprietárias “mulheres” que, em geral, davam direcionavam e equilibravam as linhas de força e composição dos volumes e planos interiores com a mesma discricção que conduziam a vida familiar. Assim, adotamos como título para as residências o nome do casal, sempre que essa informação esteve disponível.

⁹ Depoimento concedido, por telefone, à autora no dia 09 de outubro de 2018.



As residências na avenida Ivo do Prado, frente para o rio Sergipe, eram referenciais para a população e muitos relatam que, há época, uma das distrações no final de semana a caminho da igreja era passar pelas casas e “observá-las em funcionamento”. A relação entre espaços públicos e privados (exterior e interior) nessas casas estabeleciam uma nova relação, ao menos visual, entre as esferas público e privada que era pouco comum para a época. Todas as casas analisadas neste pequeno recorte têm em comum a organização funcional da vida privada em dois pisos sendo o térreo dedicado à vida social ainda em contato com a vida pública através de seus jardins e salas amplas e transparentes, e o piso superior reservado à vida privada (quartos de dormir). O funcionamento do pavimento térreo, além de servir como uma “vitrine” para vida social, também abrigava a manutenção de hábitos arraigados dessa sociedade de matriz patriarcal que se revelava no setor dos serviços fosse nas cozinhas duplas (a cozinha limpa e a cozinha suja comum nas casas de fazenda), na rigorosa distinção ente circulação de serviço e social e na manutenção de um apêndice de serviços (a edícula) que reforçava a segregação entre patrões e serviçais.

Na residência da família Souza Freire um jardim frontal, um terraço abrigado pelo volume do pavimento superior e apoiado sob pilotis vermelhos, alguns inseridos dentro de um pequeno espelho d’água em formato ameboide, e a presença de pequenos muros marcavam a transição entre o passeio público e o lote privado. A partir do passeio público, o grande volume prismático apoiado sobre pilotis configurava uma grande vitrine da vida moderna, através da qual se “observava o proprietário ler o jornal sentado em uma *chaise-longue*”¹⁰. A casa era ainda local para receber visitas ilustres em passagem pela capital sergipana uma vez que a cidade não possuía hotéis¹¹ de qualidade. Esta residência foi uma forte referência para a construção da casa do Sr. João e Sra. Risolina Hora Oliveira.

O depoimento sobre a residência da família Souza Freire¹², feito pelo Sr. João Ávila (genro do casal), reconstitui a história da casa através da história do casal, sublinhando o pioneirismo do Sr. Ernani expresso no arrojo da nova construção e o cuidado da Sra. Maria Eugênia com o jardim que ajudou a conceber e executar. O filho do casal, Sr. Ernani de Souza Freire Jr., arquiteto residente no Rio de Janeiro, conta sobre o entusiasmo do pai e do envolvimento da mãe na construção da nova residência e revela que o contato com o cenário carioca era constante, uma vez que parte da família da mãe morava na então capital federal, ao ponto de encarregarem a uma loja de mobiliário do Rio de Janeiro a elaboração do projeto de interiores e, através deles, a aquisição da mobília e objetos de decoração. O envio de revistas de arquitetura e decoração era algo que ocorria com certa regularidade. Os desenhos em aquarela desenvolvidos por profissionais da Casa Nunes, a mesma que forneceria o projeto e a mobília para a residência do Sr. João e da Sra. Risolina Hora Oliveira, documentam o processo de concepção e escolha dos objetos.

A conclusão das obras da residência da família Hora Oliveira¹³ no início da década de 1960 foi um evento que chamou atenção da sociedade local que “passava para ver todas as luzes acesas”¹⁴. Assim como nas experiências anteriores, essa casa é marcada pela presença da caixa trapezoidal – volume marcado pela inclinação acentuada das lajes de cobertura, inicialmente em telhado borboleta e, depois, marcada por um plano único de coberta como na

¹⁰ Depoimento concedido à autora pela arq. Josinaide Maciel no dia 19 de setembro de 2018.

¹¹ O Hotel Palace de Aracaju seria construído apenas em 1962.

¹² Nas pranchas do projeto arquitetônico vê-se apenas a assinatura do construtor Josias Nunes Filho. Autoria do projeto não foi identificada.

¹³ Projeto assinado por Cândido Machado Tavares, como autor e responsável técnico. Desenho de interiores assinado pelo arquiteto J. Calheiros (Casa Nunes).

¹⁴ Depoimento da filha do casal, Sr. Maria Hora Oliveira, a autora no dia 28 de setembro de 2018.



residência da família Teixeira – apoiada sobre pilotis. Um conjunto plástico ligado ao repertório de formas da produção de Arquitetura Moderna de matriz carioca.

O início dos anos de 1960, através das obras que começam a ser aprovadas e construídas, demonstra um deslocamento da composição da caixa prismática suspensa, que acentuava a organização funcional em dois pavimentos, à unidade do volume prismático que embora mantivesse a organização funcional em dois pavimentos elaborava uma maior unidade plástica. Assim, as residências família Faro, família Dórea Sobral e família Barbosa, situadas na rua Vila Cristina construídas nos primeiros anos da década de 1960 mantém a organização do programa doméstico em dois pavimentos com social e serviços no térreo e dormitórios no pavimento superior, acentua os planos horizontais e a unidade do volume prismático.

A residência Manoel Barbosa, sem documento de acervo de projeto ou fotográfico que revelasse sobre datação, autoria e configuração original, foi ela mesma o documento principal, sendo o levantamento físico o processo para coleta de dados acerca de técnica construtiva, organização espacial e uso de materiais. Das casas desse conjunto essa residência é única na configuração de uma malha quadrangular que regula e disciplina o dimensionamento dos espaços. Apesar do precário estado de conservação a casa é um documento íntegro no qual se identificou pouquíssimas alterações e, portanto, capaz de informar em riqueza de detalhes sobre materiais e processos construtivos, bem como aspectos da vida doméstica na cidade de Aracaju em meados do século XX.



Figura 3: Conjunto de residências modernas em Aracaju.

1. Res. Ernani e Maria Eugênia Souza Freire, nº296 (1956-1958); 2. Res. João e Risolina Hora Oliveira, nº282 (1957-1961); Res. José Gonçalves Dantas, nº194 (1955-1956); 4. Res. Augusto Barreto, nº122 (1955-); 5. Res. Elpídio e Jasonita Teixeira, nº236 (1956-1958); 6. Res. Manoel Barbosa, nº254 (1962); 7. Res. Carlos e Maria Dina Faro, nº288 (1962-1964); 8. Res. Wilson Dórea Sobral, nº270 (1962). Fonte: acervo LaPEM.

Uma planta centrípeta, articulada em torno do pátio central com constante conexão visual entre interior e exterior. Cuidado com adequação climática na escolha da localização das



áreas molhadas (preferencialmente oeste e norte) e o desenho das esquadrias duplas em madeira nas quais as folhas de vidro eram protegidas pelas folhas com veneziana, importante para proteção solar e circulação dos ventos. Uma planta quadrada, com pátio central, virtualmente organizada em três zonas lineares e paralelas no sentido leste-oeste, na a linha central concentrava as áreas de transição como terraço, pátio, salas e circulação (vertical e horizontal). Assim, a porção ao sul concentrava sala principal e de uso predominantemente social e cozinha e na porção norte quartos e banheiro. Na porção central, estão as salas de jantar e estar como espaço de transição e de articulação entre as esferas social, íntima e serviço. Nessas salas estão a circulação vertical e horizontal que conecta os pavimentos e as “zonas” norte e sul, além de conectar o espaço interior ao exterior (sala de estar – pátio central – terraço frontal; sala de jantar – edícula).

Essa residência é também singular na manutenção de uma estrutura de segregação sócio-espacial ao definir duas áreas de serviços, a primeira para os serviços e serviços dedicados aos trabalhos com a casa urbana (garagem, lavanderia, depósito, quartos para motorista e empregada doméstica) e a segunda, mais ao fundo do lote, aos serviços vinculados aos trabalhos rurais que estivessem prestando algum serviço à família, atividade principal do Sr. Manoel Barbosa e que auxiliava no abastecimento da rede de supermercados GBarbosa de sua propriedade.

Nesse sentido, a documentação gráfica produzida ficará como importante registro para futuras reflexões e investigações sobre esta residência especialmente na ausência de outros documentos como projeto arquitetônico original e fotografias de época.

Pensar para as futuras gerações

Em resposta à dinâmica urbana de grande parte dos centros urbanos brasileiros, muitas residências em áreas centrais e suas proximidades tem sido adaptadas para o uso comercial ou de prestação de serviços. Nesse processo muitas casas modernas já demolidas ou encontram-se em avançado processo de descaracterização. Assim, como seria possível a conservação desse patrimônio ainda em diálogo com necessidades de recepção de novos usos inerentes ao funcionamento da cidade? A resposta passa, necessariamente, por reconhecer o valor cultural dessas obras.

Em Aracaju, esse cenário é particularmente evidente no bairro São José desde a década de 1980 através da adaptação de imóveis residenciais para abrigar usos de comércio e serviço. A residência da família Faro testemunha esse processo desde o final da década de 1980 quando a família deixa do bairro São José e a residência abrigará uma clínica, que funcionará até o final da primeira década do séc. XXI. A residência passa por reforma, desde 2017 está em reforma para abrigar um escritório de advocacia coordenado pelo Sr. Antônio Carlos Araújo. O atual proprietário conta que ao adquirir o imóvel se surpreendeu com os sucessivos relatos sobre a casa, fossem fatos ou características, fazendo-o perceber que a casa “fazia parte da memória de muita gente, e isso me despertou também porque fazia parte também um pouco das minhas memórias” e fala da sua admiração pelas “formas de Brasília, pelas formas do modernismo e a gente tem um acervo muito grande aqui em Aracaju”¹⁵.

O interesse do novo proprietário em conservar a casa moderna, segundo ele comenta, “mesmo não sendo arquiteto”, atesta o valor de arte relativo comentado por Riegl (2014), parte daquilo que lhe confere valor de autenticidade. Os desafios inerentes ao processo de adequação ao novo uso retoma corrobora impressões já conhecidas sobre intervir no patrimônio como a falta de documentação que informe sobre os processos históricos do edifício, que em geral tente a conduzir ao refazimento particularmente quando se trata da obra

¹⁵ Sr. Antônio Carlos Araújo, entrevista concedida em 22 de setembro de 2018.



de Arquitetura Moderna cujo “valor de antiguidade” não está culturalmente sedimentado na comunidade e necessidade de adequação às normativas técnicas atuais. No entanto, todas essas questões para serem respondidas devem ser antecedidas pela construção do valor cultural dessa produção. Nesse sentido, o que se defende aqui é que pensar e agir pela e para conservação da arquitetura moderna passa necessariamente por reconhecer e construir com a comunidade o valor cultural desses bens, o que para o caso da experiência residencial unifamiliar moderna em Aracaju pode ser abordada nos termos de conjunto urbano, como se buscou demonstrar nesse ensaio. Sem a pretensão de esgotar o assunto, fica aqui uma breve e inicial contribuição, através da qual para cada residência foram confrontados os documentos já conhecidos (documentos dos projetos obtidos no Arquivo Público) acrescidas novas informações que vinham através do contato direto com a obra (levantamento físico) e da narrativa oral (comunidade).

Referências

ALBERTON, Josicler. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – PósARQ, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARAÚJO, Antônio Carlos. Entrevista concedida em 22 de setembro de 2018. Aracaju-SE.

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. A Popularização dos Elementos da Casa Moderna em Campo Grande – Mato Grosso do Sul. *In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL*, 5., 2003, São Carlos. **Anais...** São Carlos: Edusp, 2003.

CHAVES, Carolina. **Casa (moderna) brasileira: Difusão da arquitetura moderna em João pessoa 1950-60's**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

FARO, Nestor. Entrevista concedida no dia 11 de novembro de 2018. Aracaju-SE.

FILHO, Hilário. Verbetes Documentação. *In: Dicionário do Patrimônio Cultural*. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/27/documentacao>.

FREIRE, Adriana. **Modernização e modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

MACIEL, Josinaide. **Olhar aproximado para as residências Souza Freire e Hora Oliveira: bens modernistas de interesse cultural**. 2013. 270 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. Entrevista concedida no dia 19 de setembro de 2018. Aracaju-SE.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 2000.

NERY, Juliana. Registros: As Residências Modernistas em Aracaju nas Décadas de 50 e 60. *In: V Seminário DOCOMOMO Brasil*, 2003, São Carlos-SP. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/079R.pdf>. Acesso: 06 jun. 2010.

_____; SANTOS, Isabella Aragão Melo. Expressões do moderno sergipano: as residências unifamiliares do bairro São José nos anos 50 e 60. *In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. 01ed. Recife: Fasa Gráfica, 2007, v. 01, p. 237-258.

NETO, Paulo. **Residências em Fortaleza, 1950 – 1979: 1 contribuições dos arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga e Gerhard Bormann**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo FAUUSP-SP, 2005.

OLIVEIRA, Maria Hora. Entrevista concedida no dia 28 de setembro de 2018. Aracaju-SE.



RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem.** Perspectiva: São Paulo, 2014.

SANTOS, Isabella Aragão Melo. *Arquitetura Moderna na Aracaju dos anos 1940 e 1970.* Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador, Bahia, 2012.

TEIXEIRA, Eneida. Entrevista concedida no dia 09 de outubro de 2018. Aracaju-SE.

PEREIRA, F. **Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974).** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos/USP, São Paulo, 2008.